

Comércio Chinês: falsificação, trabalho escravo e monopólio

Carina Mello Benedetti

"O comércio é a arte de comprar por três francos o que vale seis,
e vender por seis francos o que vale três."

Charles Fourier

Em uma tarde como outra qualquer, um morador do Distrito Federal vai ao Setor de Indústria e Abastecimento (SIA) comprar um presente ou algo que está faltando em casa. Mal sabe essa pessoa que é com um item simples, como uma capinha ou uma película para celular, que uma máfia sobrevive e só cresce em todo o país. Um grupo está enriquecendo e não é pouco com esse tipo de atividade, afetando a indústria interna e os pequenos produtores que não conseguem competir com a concorrência desleal.

Com um especial denominado “Feira dos Importados – A Máfia do Comércio de Rua”, o *Metrópoles* mostrou como as mercadorias falsificadas feitas na China chegam ao Brasil, driblam a fiscalização do porto de Santos e das estradas brasileiras, utilizam notas falsificadas e chegam a diversos lugares no país, sendo um deles a Feira dos Importados de Brasília. A investigação demorou um total de três meses, por isso a riqueza de informações e detalhes sobre todas as dinâmicas do processo.

A primeira etapa é a chegada dos produtos no maior porto da América Latina, o de Santos, São Paulo. Eles passam pelo controle dos chefes da máfia e de lá seguem para muitos lugares do Brasil, de diversas formas. Os principais meios de transporte interno são ônibus de sacoleiros e as transportadoras, que procuram vias alternativas e também contam com um arsenal de notas fiscais falsificadas denominadas “notas frias”.

Infiltrando-se nas rotas como sacoleiros, os repórteres embarcaram na Rodoviária do DF sentido Rua 25 de Março, a mais famosa do país por ser um enorme centro comercial. O mais curioso é que a viagem vem acréscimo de R\$ 10,00 para custear uma espécie de “dízimo” pago aos policiais das rodovias. Os policiais ajudam não fiscalizando as mercadorias e escoltando os ônibus para proteger dos rotineiros assaltos que ocorrem nas BRs.

Segundo os jornalistas que embarcaram na aventura:

Antes de ingressar no Distrito Federal, os ônibus com os sacoleiros param em um posto de combustível a poucos quilômetros da divisa. De lá, distribuem os produtos em veículos de pequeno porte. A intenção é não levantar suspeitas e despistar, assim, qualquer fiscalização. Depois de viajar mais de mil quilômetros, os produtos chegam ao seu destino final: a Feira dos Importados. À luz do dia e sem qualquer receio, os feirantes recolhem os pacotes e ajudam a guardar os produtos em estoques. (METRÓPOLES, 2017)

A próxima etapa é dar nome e rosto às figuras que operam esse comércio em Brasília. Denominados de “baixo clero”, a maioria dos chineses vive em lugares bem pequenos, mais comumente no Cruzeiro, não usam carros de luxo e não matriculam os filhos em colégios caros. Com uma rotina de trabalho quase de escravidão, trabalham seis dias por semana e cumprem uma média de nove horas diárias. A imigração ocorre de forma clássica: os figurões prometem qualidade de vida e diversos benefícios, mas não é bem isso que ocorre.

O topo da máfia, por sua vez, vive de forma completamente oposta. Wu Zhaoxiao é a figura central da história, pois “era o responsável pelas transações financeiras e pelo controle de chegada e distribuição dos chineses que desembarcam constantemente no DF” (METRÓPOLES, 2017). Preso em setembro, o chinês de 49 anos tinha carros importados, casas em condomínios fechados e apartamentos em Águas Claras. Essa já é a quarta detenção de Wu, sendo os delitos anteriores sonegação de impostos e violação dos direitos de marca.

Com o argumento de que a Feira se localiza a doze quilômetros do Congresso Nacional e sete do Palácio do Buriti, o último capítulo da reportagem é uma crítica à omissão do Estado. O *Metrópoles* alega que nenhum órgão contatado quis comentar o assunto, tão significativo não só pela quantidade de mercadorias que são vendidas diariamente, mas pelo montante de dinheiro que movimenta.

O Brasil é conhecido pela agronomia e sofre com a falta de estrutura e sucateamento da indústria, por isso tem grande prejuízo com a ação da máfia. O mercado formal também sofre. João Emílio Gonçalves, gerente-executivo de Política Industrial da Confederação Nacional da Indústria, critica que “a indústria compete com o preço muito mais baixo do que o próprio custo e as marcas que investem para

fortalecer os produtos veem a imagem prejudicada pela grande quantidade de falsificação. Além disso, a imagem do país se desgasta muito”.

A matéria é encerrada com o seguinte parágrafo:

Para tornar a punição mais severa, a delegada Mônica Loureiro, tenta comprovar a existência de outros crimes relacionados, como os que incidem contra a saúde das pessoas – especialmente nos casos dos brinquedos e de óculos falsificados, que podem trazer malefícios para quem os utiliza. Segundo ela, a intenção é aumentar a pena dos envolvidos no comércio ilegal, tentando coibir, dessa forma, a atividade que assola a capital. (METRÓPOLES, 2017)

Sobre a conduta dos profissionais na reportagem e usando o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros como base, podemos dizer que estes agiram de maneira coerente no decorrer e na finalização do especial. Defendendo primordialmente o interesse público, os repórteres contaram sobre a origem e a comercialização dos produtos que a maioria da população consome. Denunciaram também as péssimas condições dos imigrantes chineses que realizam praticamente trabalho escravo, além da falsa sensação de variedade que os consumidores sentem, já que a Feira dos Importados é um monopólio.

Do Capítulo I – Direito à Informação, podemos retirar o trecho do segundo artigo:

Como o acesso à informação de relevante interesse público é um direito fundamental, os jornalistas não podem admitir que ele seja impedido por nenhum tipo de interesse, razão por que:

I - a divulgação da informação precisa e correta é dever dos meios de comunicação e deve ser cumprida independentemente de sua natureza jurídica -se pública, estatal ou privada - e da linha política de seus proprietários e/ou diretores.

II - a produção e a divulgação da informação devem se pautar pela veracidade dos fatos e ter por finalidade o interesse público. (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007)

Os profissionais seguiram o Código por levar a informação de forma correta e com apuração e veracidade dos fatos, visto que pesquisaram e acompanharam todo o esquema comandado pelos chineses, desde a chegada das mercadorias no país até sua distribuição local. O interesse público é primordial, já que a matéria refere-se a produtos

que estão facilmente disponíveis para qualquer pessoa comprar e que, na maioria dos casos, pouco se sabe sobre a origem e forma de comercialização destes.

Sobre os deveres do jornalista, presentes no sexto artigo do segundo capítulo, referente à conduta profissional, pode-se extrair que:

É dever do jornalista:

(...)

II - divulgar os fatos e as informações de interesse público;

(...)

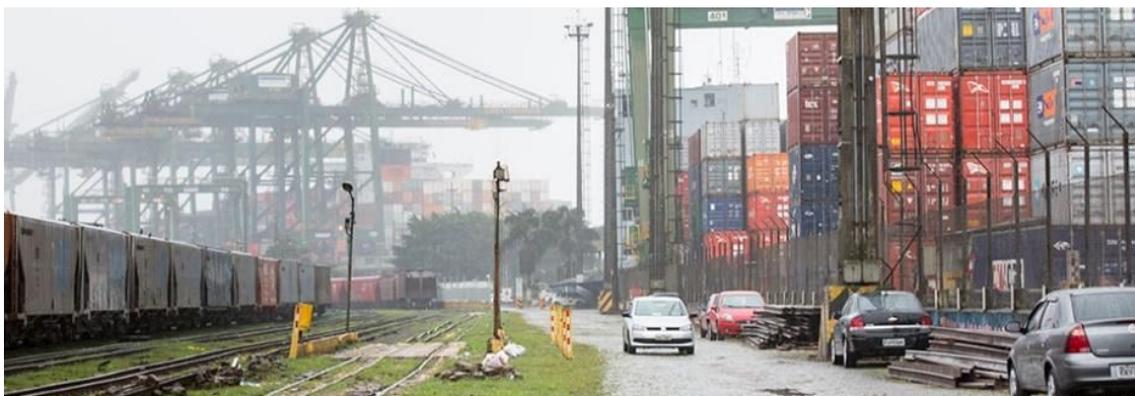
VII - combater e denunciar todas as formas de corrupção, em especial quando exercidas com o objetivo de controlar a informação;

(...)

X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito. (CÓDIGO DE ÉTICA DOS JORNALISTAS, 2007)

Os jornalistas por certo cumpriram seus deveres, já que divulgaram o esquema e a máfia que influenciam na vida cotidiana de milhares de brasileiros, sendo este então de interesse público; denunciaram a corrupção por parte dos comerciantes, policiais que tiram vantagem das atividades e das entidades governamentais que se mantêm omissas; defenderam os princípios legais mostrando como os chineses burlam as leis e prejudicam os produtores e as indústrias que tentam se manter na legalidade.

De forma geral, os jornalistas cumpriram sua obrigação de investigar, apurar, levar a verdade e noticiar tudo o que seja de interesse público. É através deste tipo de matéria que se pode influenciar a população a não consumir esses produtos e não incentivar o comércio ilegal, priorizando produtores locais e legais, estimulando assim a economia do país.



Porto de Santos, São Paulo, onde as mercadorias desembarcam. Foto: Michael Melo (Metropóles).



Situação em que os ônibus voltam de São Paulo. Foto: Michael Melo (Metrópoles).



Produtos chegando ao destino final, Feira dos Importados, Distrito Federal. Foto: Daniel Ferreira (Metrópoles).

Wu Zhaoxiao, líder da máfia na Feira dos Importados. Foto: Rafaela Felicciano (Metrópoles).

REFERÊNCIAS

AUGUSTO, O. Polícia Civil desarticula máfia chinesa que atuava na Feira dos Importados. **Correio Braziliense**, Distrito Federal, 2015. Disponível em: <
http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2015/09/30/interna_cidadesdf_500622/policia-civil-desarticula-mafia-chinesa-que-atuava-na-feira-dos-importados.shtml>

Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros. Vitória: FENAJ, 2007.

FILGUEIRA, A.; ALMEIDA, K.; CARONE, C.; BCHARA, Ca.; Feira dos Importados – A Máfia do Comércio de Rua. **Metrópoles**, Distrito Federal, 2017. Disponível em: <
<https://www.metropoles.com/materias-especiais/feira/>>